

ESPAÇO ARQUITETÔNICO X APROPRIAÇÃO:



Estudo de Caso no Centro
do Rio de Janeiro – Largo
da Carioca e Rua
Uruguaiana



Ethel Pinheiro Santana

*Arquiteta/urbanista formada
pela UFRJ e mestranda do
Curso de Teoria & Projeto
pelo PROARQ / UFRJ.*

Vera Regina Tângari

*Arquiteta/urbanista,
doutora pela USP,
professora da graduação
e do PROARQ / UFRJ.*

Paisagem Urbana

RESUMO

O trabalho a ser desenvolvido aborda as formas de apropriação estabelecidas em duas áreas de estudo no centro da cidade do Rio de Janeiro, o Largo da Carioca e a rua Uruguaiana, bem como suas áreas adjacentes, levando em consideração o suporte físico existente – palco de desenvolvimento de sua ocupação formal – e a massa edificada do entorno direto que influencia, estimula e configura a imagem mental e urbana que se tem destas áreas. Com base nos elementos morfológicos de José Lamas¹, para a apreciação e a análise do entorno físico, e os elementos configuradores do espaço, de acordo com Kevin Lynch², que permeiam e configuram a noção da imagem que se constrói da cidade, propõe-se um confronto entre a forma arquitetônica estruturadora do espaço, analisada sobre os aspectos físicos, e o domínio humano sobre este, levando em consideração os aspectos sociológicos e apropriativos.

ABSTRACT

This paper issues the spatial appropriative forms in two different areas of study downtown Rio de Janeiro, Largo da Carioca and Uruguaiana St., as well as their surrounding areas, taking into consideration the existent physical support – the base for their formal development – and the built massive area in the immediate vicinity that influences, stimulates and configures the mental and urban image of these areas. Based on the morphologic elements of José Lamas so as to focus the analysis and interpretation of the physical surroundings, and the spatial configuring elements of Kevin Lynch, which outline and settle the notion of the city image, we propose a confrontation between the architectural structural form of the space, analysed over the physical aspects, and the human domain over it, considering the sociological and appropriative aspects.

ESPAÇO ARQUITETÔNICO X APROPRIAÇÃO:

Estudo de Caso no Centro do Rio de Janeiro – Largo da Carioca e Rua Uruguaiana

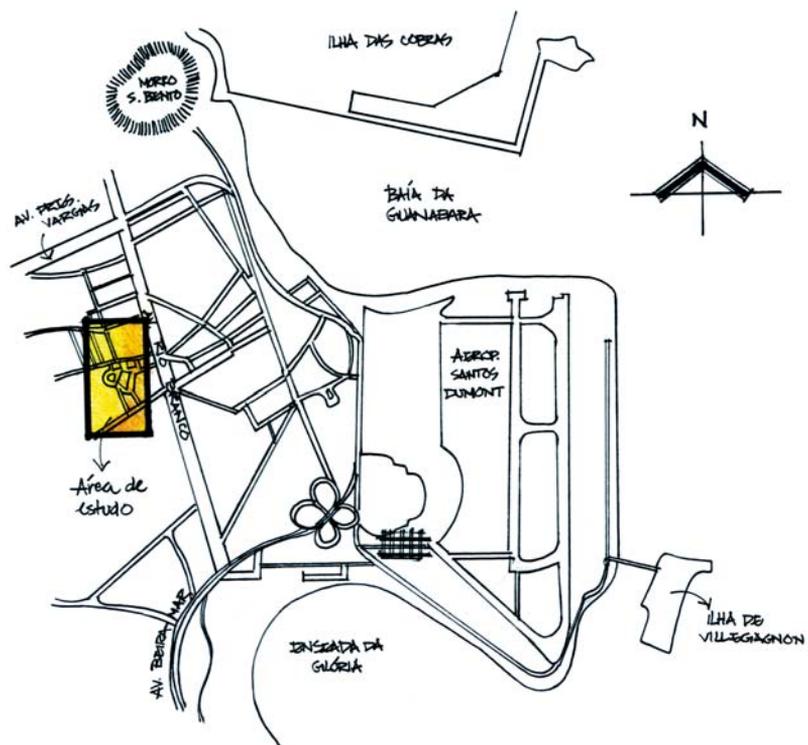
1 – Introdução

“A relação do sujeito individual ou coletivo com seu espaço de vida passa por construções de sentido e de significado, que se baseiam não somente na experiência direta e na prática funcional ou subversiva que se desdobra (...), mas também no valor simbólico conferido ao ambiente construído.”³

A análise das áreas do Largo da Carioca e da rua Uruguaiana, com suas áreas circundantes, é base para a discussão entre o suporte físico que rege as relações formais (do entorno construído) dentro da cidade e as formas de estabelecimentos sociais nestes ambientes, de acordo com a permissividade de dois elementos presentes na paisagem: a via de pedestre (o calçamento) e a vegetação. De acordo com a detecção de elementos físicos que aproximam ou distanciam pessoas, coletam ou distribuem, linearizam ou radializam o andar pela cidade, comprometem-se com a qualidade do ambiente ou não, abrigam ou expõem à insegurança, busca-se avaliar a maior ou menor concentração de contingente e, conseqüentemente, o maior ou menor vínculo apropriativo de um local.

9

Figura 1 – Mapa do centro do Rio de Janeiro, 2002
Fonte: Autoras



Já que os dois espaços são classificados como “espaços livres” e, portanto, sujeitos à ocupação e circulação constante, os elementos de estudo e compreensão do espaço estão diretamente ligados ao fator de agregação, ou seja, pontos importantes, zonas de comércio e elementos marcantes. A área apresenta uma rarefação do espaço à medida que atinge os locais mais recentemente consolidados, uma vez que correspondem à área aberta pela drenagem da Lagoa Santo Antônio, vinda do rio Carioca, e a derrubada do Morro de Santo Antônio (quer dizer, o Largo da Carioca). Esta característica fez com que uma linha imaginária dividisse a rua Uruguiana (casario) do Largo da Carioca (arranha-céus), determinando um novo tipo de passagem e permanência nestas duas divisões e criando estabelecimentos de relacionamento do pedestre com o meio e entre a rua e os edifícios, entre o sistema viário e o gabarito das construções. Todos estes pontos são o objeto e objetivo do levantamento morfológico e a posterior análise dos locais de apropriação nessa área.



Figura 2 – Aspectos formais das duas áreas: Largo da Carioca e rua Uruguiana
Fonte: P.A.L. do IPLAN Rio, 1995.
Intervenções das autoras

2 – Metodologia

A área se distingue pela coexistência de tipos morfológicos bem variados, resultado de ocupações em diversos momentos na história urbana da cidade do Rio de Janeiro. Do século 17 remonta o Convento de Santo Antônio, preservado mesmo com a derrubada de parte do morro, em uma inserção livre sobre o relevo do terreno; as áreas remanescentes do século 19 são constituídas pelo casario, com ocupação total do lote. Próximo às avenidas Almirante Barroso e 13 de maio, os edifícios correspondem à visão de reforma de Alfred Agache (1930) e montam uma cortina de prédios voltados para o exterior com um pátio interno compartilhado, formando uma grande quadra; mais recentemente (metade do século 20), edifícios de valor institucional e peso volumétrico foram colocados isolados no lote, de forma bastante verticalizada, salvo pelo Teatro Nelson Rodrigues, que se caracteriza pelo gabarito mais baixo (a ser demonstrado nos capítulos seguintes).

Figura 3 (à esquerda):
Largo da Carioca, 2002
Figura 3a (à direita): Corte transversal, Largo da Carioca, 2002
Fonte: Autoras

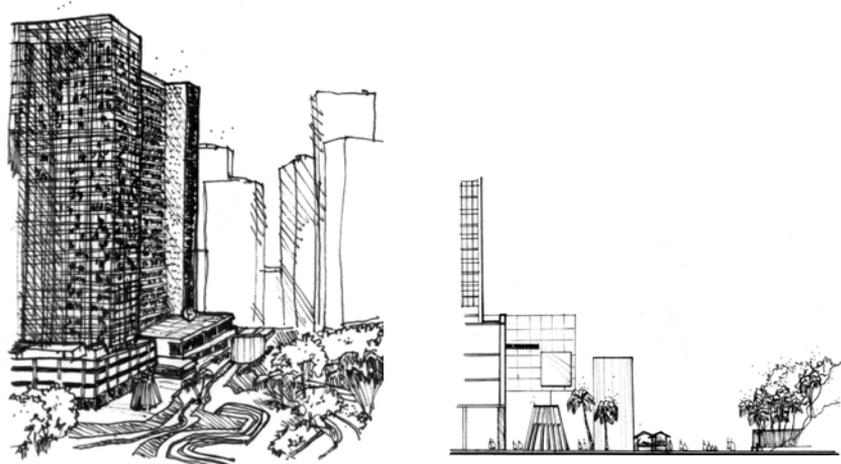


Figura 4 (à direita): Rua Uruguaiana, 2002
Figura 4a (à direita): Corte transversal, rua Uruguaiana, 2002
Fonte: Autoras



Essa hierarquização histórica dos edifícios na área em estudo é fator fundamental para o entendimento das formas de ocupação e adensamento no centro do Rio de Janeiro. Visando configurar este estudo, será feito um breve apanhado histórico da evolução da área; como segunda etapa serão descritas as análises morfológicas do espaço para o Largo da Carioca e a rua Uruguaiana, por meio de mapas e desenhos ilustrativos; a detecção dos elementos configuradores do espaço, segundo Lynch⁴, análise esta a ser feita em duas partes: a primeira, visando denotar os elementos que marcam a imagem do ambiente, por meio de análises objetivas no local; e a segunda, por meio de mapas mentais e questionário direto que serão pedidos a transeuntes locais (estudantes, trabalhadores, performistas, pedintes), os quais circulam sobre o piso térreo das áreas e ocupantes (trabalhadores, consumistas) dos pavimentos superiores dos edifícios de maior gabarito na região (rua Uruguaiana, 180 e Edifício Avenida Central), de modo a estabelecer os vínculos de apropriação das áreas segundo a maior ou menor integração na área.

3 – Historização

12

O Largo da Carioca corresponde atualmente à área uma vez ocupada pelo Morro de Santo Antônio. Ainda em fins do século 19, a imagem geográfica que temos da orla do Rio de Janeiro é um amontoado de elevações que comprimem entre, de um lado, o oceano e, do outro lado, a configuração dos bairros, de acordo com as possibilidades de expansão, fornecidas pelo meio ambiente. Até meados do século 18 a área que conhecemos hoje como centro estava fora dos limites da cidade do Rio de Janeiro, com seus terrenos alagadiços e pouquíssimas construções (como a igreja e o seminário da Lapa do Desterro).

Foi com a construção dos Arcos da Carioca, um aqueduto que transportaria as águas da nascente do rio Carioca até a cidade, que a área começou a desenvolver-se. Essa foi a maior obra americana de sua época.

Quando a família real portuguesa veio com sua corte para o Brasil, em 1808, houve uma expansão natural da cidade. Tornou-se local de preferência da elite, principalmente nas ruas dos Inválidos, Lavradio e Rezende, recém-abertas sobre aterros feitos na parte de trás dos Arcos. O clima ameno da região atraía aqueles que podiam fugir das epidemias da parte baixa da cidade.

No final do século 19 as freguesias centrais se adensaram de forma intensa devido à evolução dos setores comercial e de serviços, que necessitavam de um maior número de mão-de-obra e a falta de meios de transporte capazes de permitir o crescimento geográfico da cidade, sem prejuízo para seus cidadãos. Tornava-se, então, primordial morar próximo ao emprego, e a área central da cidade se tornara um conjunto de construções consideradas perigosas e insalubres (LEME, 1999, p. 323).

No período colonial, o Largo da Carioca adquiriu importância pelas carrancas do chafariz que fornecia água do rio Carioca. Modernamente, o “Tabuleiro da Baiana”, situado no largo, destacava-se como ponto de partida dos bondes da zona sul. No início da década de 60, era apresentado pelo *Correio da Manhã* como a **imagem da cidade**.

“O primeiro projeto de urbanização do Morro de Santo Antônio não prevê a sua demolição e define uma rua partindo do largo da Carioca subindo o morro, sobre as curvas de nível, até chegar ao topo onde é projetada uma praça. Em 1924, um outro projeto ainda contempla a urbanização do morro na sua forma original. Somente a partir de 1941 é elaborado um projeto de urbanização do morro de Santo Antônio considerando o seu desmonte.” (LEME, 1999, p. 322)

O projeto de 1941 é de autoria de José Otacílio Saboya Ribeiro, publicado no *Diário Oficial* para efeito de emissões obrigatórias na modificação urbana do Rio de Janeiro. Ainda nessa década, o Departamento de Urbanismo, na figura de Affonso Eduardo Reidy e Hermínio de Andrade, estabelece o eixo norte-sul, como principal no plano de urbanização e modifica bastante esta área (1949).

A partir da administração de Dulcídio Cardoso (1952-1954) são iniciadas as obras do desmonte do morro, que permitem a criação de terrenos valorizados em plena área central da cidade. O desmonte também fornece o material necessário para o Aterro do Flamengo.

A obra do desmonte é concluída na administração do prefeito Negrão de Lima (1958-1960) pelo Plano de Realizações e Obras da Superintendência de Urbanização e Saneamento – SURSAN – do qual fazem parte diversas obras como a avenida Beira-Mar, Norte-Sul, Radial Sul e Via Cais do Porto/Copacabana.

Figura 5 –
Largo da
Carioca, 1910
Fonte: Arquivo
Geral da
Cidade do Rio
de Janeiro





Figura 6 –
Largo da
Carioca, 1961
Fonte: Arquivo
Geral da
Cidade do Rio
de Janeiro

14

Hoje, a área central do Rio de Janeiro consiste em um complexo comercial, financeiro e cultural. Em seus arredores se concentram áreas de pequenos comércios, indústrias e residências. Mesmo assim, podemos encontrar, no núcleo verticalizado, o patrimônio cultural, às vezes conservado, outras completamente deteriorado, além de inexplicáveis vazios. Se toda essa verticalidade for bem trabalhada, poderá formar um território único.

A rua Uruguaiana, palco das primeiras moradias abastadas no final do século 18 no Rio de Janeiro, torna-se, já no século 19, e com o “bota-fora” de Pereira Passos, a linha de permanência do setor de comércio no Rio. O casario colonial empresta suas fachadas para atividades múltiplas, realizadas nessa rua estreita, mas caracteristicamente de muita intensidade.

Atualmente, a presença da rua Uruguaiana no centro do Rio de Janeiro serve como uma conexão entre a avenida Presidente Vargas e o Largo da Carioca e suas adjacências (a maior, a avenida Rio Branco), uma artéria coletora em um sentido de fluxo que impulsiona os pedestres ao largo, organismo distribuidor e aglomerador.

Figura 7 –
Rua Uruguaiana,
1906
Fonte: Arquivo
Geral da Cidade
do Rio de Janeiro



15

O ponto mais instigante dessa análise histórica é, principalmente, o Largo da Carioca, com certeza, o espaço urbano estruturador da área analisada. Por ele, e por meio dele, a locução do pedestre com as ruas adjacentes – inclusive a rua Uruguaiana – e áreas circundantes é feita, os acontecimentos se realizam e as formas de apreciação de um conceito histórico de centro de cidade se instituem. Ao ser erguido um mosteiro no século 17, consagrado a Santo Antônio na então cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, os frades franciscanos vislumbraram uma região ainda não-habitada, cercada de morros e repleta de lagoas e manguezais, como um foco de atenção para sua morada. Com todas as mudanças e acréscimos por que passou (1707, 1718, 1750, 1757), sendo murado e aberto inúmeras vezes, investindo em sua rede de esgotos e na canalização da lagoa, recebendo a implantação de prédios de peso institucional como o Hospital da Ordem Terceira (1748), o Teatro Lírico (1871), o Prédio da Imprensa Nacional (1873), o Hotel Avenida (1906) que, posteriormente, é substituído por um projeto monumental com estrutura de ferro – Edifício Avenida Central, o Liceu de Artes e Ofícios (1920) – o qual mais tarde se torna o prédio da Caixa Econômica – o largo revela sua voca-

ção para a mutabilidade e, ainda assim, a constante aceitação dos freqüentadores. Em 1940 o teatro e o prédio da imprensa vêm abaixo, dando lugar à avenida Almirante Barroso e a rua da Carioca, quando também começa o desmonte do Morro de Santo Antônio, até 1960. Em 1980, com a chegada do metrô, o largo se define com prédios monumentais como o BNDES, o da Petrobrás e o trabalho paisagístico de Burle Marx. Atualmente, após tantas modificações, o aspecto democrático da arquitetura que o circunda denota o potencial agregador da área e revela sua intenção inicial: o de ser um ponto de atenção.

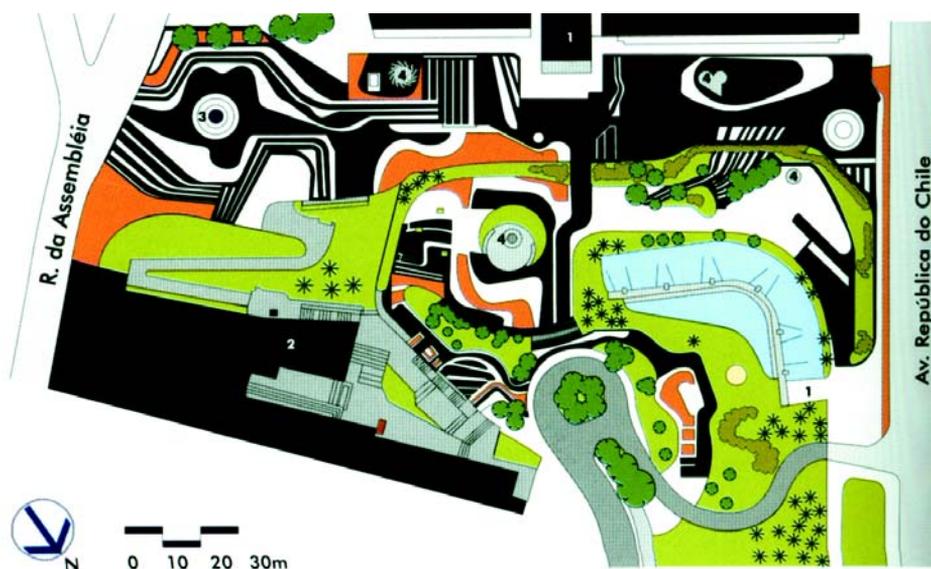


Figura 8 – Desenho de piso para o Largo da Carioca. R. Burle Marx, 1981
Fonte: Praças brasileiras, Edusp, 2002

16

4 – Análise Morfológica do Espaço

“A mudança do contexto vai mudando as formas pela necessidade de resposta a situações diferentes...”⁵

A análise morfológica é o instrumento que agrega, em elementos de percepção individual, a imagem macro da cidade, ou seja, justapõe as imagens fragmentadas que a percepção humana reconhece e monta um todo coeso e repleto de significância⁶. É o estudo da configuração e da estrutura exterior de um objeto, definindo a paisagem urbana e sua estrutura, por uma leitura hierárquica, organizacional e estrutural dos elementos apreendidos. A morfologia, com o auxílio de outras disciplinas, explica a cidade como fenômeno físico e construído.

Os elementos integrantes da imagem que a cidade apresenta ao observador são diversificados e reformulados de acordo com o contexto histórico, econômico e social dos usuários particulares de determinada construção e, conseqüentemente, do espaço.

Figura 9 –
Mapa de figura-
fundo/Centro
do Rio de
Janeiro
Fonte: Autoras



Diante desse estudo de casos, vemos o desenho urbano como o campo disciplinar que trata a dimensão físico-espacial e físico-cultural da cidade como um conjunto de características ambientais, produtoras dos sistemas de atividades que interagem com a população por suas vivências, percepções e ações cotidianas. Este processo é denominado Apropriação e controle do meio ambiente, construindo a sensibilidade visual permeada pela dimensão temporal.

A área de projeto se sobressai por um contexto físico e histórico fortíssimo, que foi o desmonte do Morro de Santo Antônio, fato o qual influenciou na nova paisagem topográfica e na ocupação de “ilhas” de prédios que se desenvolvem de forma isolada, nos lotes mais recentes, e de forma agrupada, nos mais antigos, como se percebe pelo mapa de figura-fundo. Estas modificações do espaço urbano são as principais causadoras dos conflitos de malha urbana – em uma abrangência de tráfego, situação e implantação.

Todos os elementos do espaço ficam subordinados a esse parâmetro e solidificam, nas áreas, problemas de distribuição de espaço e acúmulo de

atividades, enquanto o potencial máximo não consegue se impor, por falta de uma estruturação de parcelamento e de soluções para a viabilização do espaço ocioso. O elemento de caracterização vegetativa na paisagem denuncia a presença de áreas livres e abertas, permeáveis ao olho humano, isto é, indicam a existência dos vazios que “preenchem” o espaço com alguma função de englobador.

Enquanto a existência de uma árvore isolada pode gerar o conceito de ponto referencial, a concentração de árvores ocasiona a massificação do elemento e a generalidade do ambiente, criando um centro de convívio ou um local dentro da própria área. Pelo mapa de vegetação, podemos verificar a massificação arbórea na área do largo, que apesar de não fazer parte dele, integra-se, e a linearidade da rua Uruguaiana, marcada pela diretriz das árvores de porte baixo. Estas dicotomias são os fatores que tornam, de forma única, o espaço acolhedor e o movimentador, respectivamente.



Figura 10 –
Mapa de
vegetação/
Centro do Rio
de Janeiro
Fonte: Autoras

O mapa de topografia é o elemento responsável pela identidade paisagística da área, pois é também o empreendedor de suas irregularidades e demarcações físicas. Funciona como o agente de delimitação e demarcação do trânsito de pedestres no largo – confundindo-se, muitas vezes, como barreira visual ou o próprio limite físico da região, pelo fator nível e pelo fator cota – e da inserção de sua massa edificada, além de ser também a estrutura ambiental responsável e, ao mesmo tempo, passível de mudanças na execução de um projeto.

O mapa de gabaritos traz ao observador como se comportar diante de um maior ou menor aprisionamento, de uma rua mais estreita ou mais larga, e principalmente, de categorizá-la como apropriativa. Por estas razões, o largo se revela um espaço monumento, de apreciação, pela elevação do morro e posição elevada de seus prédios (de gabarito alto), enquanto a rua Uruguaiana se assenta, revela-se como íntima, pela estreiteza do calçadão em relação ao gabarito do casario.

Em uma última análise mapeativa, o **uso do solo** revela o caráter da região, sua vocação efetiva na paisagem, em toda a área analisada, essencialmente, o comércio. Posteriormente, com a compilação das entrevistas diretas realizadas no largo, foi possível determinar este lugar como um eixo de passagem, ora relacionado à freqüentação transitória ora à permanência, de acordo com o maior ou menor vínculo social estabelecido.

Além desses mapas, elementos como a **rua**, o **lote** e a **quadra** (com eles, o **traçado**), serviram para categorizar as duas áreas de análise: a rua Uruguaiana se apresenta de forma estritamente *linear*, indutiva, munida de seu comércio característico, exposto nas vitrines ao longo de todo o trajeto; a linearidade das árvores intensifica isto, ao mesmo tempo em que o porte baixo e insipiente em sombras acelera o ritmo de passagem dos pedestres; o adensamento dos edifícios dentro dos lotes (formando a quadra portuguesa colonial) e a conseqüente cortina de fachadas que os representa, aliado à escala humanista dos gabaritos dos prédios e da rua, leva também a uma sensação de pertencimento ao meio, “privatizando” a área ocupada, ao mesmo tempo em que explicita a diferença do público (rua) para o privado (lojas); o Largo da Carioca, marcado por sua *radialidade*, sua função distributiva e permeante, devido à sua implantação (ou, diga-se, alargamento) no centro da área analisada, reflete questões apreciadas – preliminarmente – no mapa de figura-fundo (seu “respiro” na paisagem, sua articulação com várias áreas adjacentes, sua característica primeira de espaço livre; a inserção dos edifícios de forma livre no lote, advinda da área ganha com o desmonte do morro, evoca um sentimento de liberdade na área, e apropriação muito mais intensa do olhar pela amplitude; a vegetação, o verde abundante dos jardins do BNDES, integra-se ao enorme espaço de passagem como elemento configurador do espaço, mesmo sem “estar” nele. Por tudo isso, a classificação do largo é de publicidade, pura e simplesmente, uma vez que todo o espaço aberto é de uso global; a sensação de pertencimento não é íntima, mas indutiva, tudo para todos. O aspecto público do Largo da



Figura 11 (à esquerda) – Topografia/ Centro do Rio de Janeiro
Fonte: Autoras

Figura 12 (à direita) – Mapa de gabaritos/ Centro do Rio de Janeiro
Fonte: Autoras

20



Figura 13 (ao lado) – Uso do Solo/ Centro do Rio de Janeiro
Fonte: Autoras

Carioca se acentua por sua liberdade de ação, vinda também da relação espaço x tempo.

“Nas cidades, o tempo vira uma espécie de espaço, mas cada espaço fala de muitos tempos para leitores distintos.”⁷

Por isso também, a análise dos tipos construtivos da área reflete um apanhado mental de sua imagem. Na área analisada (o entorno do largo e da rua Uruguaiana), esta relação de tipos estabelece uma espécie de comunicação imprescindível para as formas de apropriação desenvolvidas nestes dois espaços.

Quando observados os pontos de inserção de uma área de projeto, sua atuação no meio e sua constituição ao longo dos tempos ficam também relacionadas pela ocupação de cada um dos elementos de arquitetura, a forma com que o prédio se relaciona com o lote, com a quadra e com o entorno em si.

O discurso oficial da arquitetura e do urbanismo foi bastante monolítico e simplista ao longo do século 20; pelo menos até as décadas de 50 e 60. Aí se deu uma quebra. Prevalencia, até então, o dogma funcionalista que a forma da arquitetura *“era variável dependente e só podia ser analisada através dos processos sociais que lhe serviam de suporte (...) público e privado, por exemplo. Cheio e vazio. Rua e casa. Antíteses complementares que o racionalismo se esforçou por confundir e negar, talvez por imposição do modo de vida e cultura capitalistas”* (ROLNIK, 1985, p. 20).

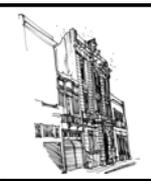
“O território portanto, não é um mapa, mas um croqui. O croqui vive a contingência de sua própria história social.”⁸

21

Figura 14 –
Vista geral da
área, 2002
Fonte: Autoras



“A rua em particular, com tudo o que oferece de troca e mistura, surge como elemento fundamental para o entendimento da vida urbana” (VOGEL apud SANTOS, 1988, p. 25). Mas não apenas os caracteres dicotômicos, como interno e externo, podem revelar a essência de uma área, mas, principalmente, os vestígios sondados, registrados como obra arquitetônica.

	<p>Tipo 1</p>	<p>Ponto focal importantíssimo na área do Largo da Carioca, o Convento de Santo Antônio é delimitador do espaço pelo gabarito em que se encontra e pelo entorno paisagístico aplicado ao que restou do Morro de Santo Antônio na área. Marcado pelo peso do próprio estilo arquitetônico, fornece uma leitura contínua de sua fachada, ao mesmo tempo em que os elementos marcantes (as fenestraçãoes, a escada, o telhado colonial) surgem como pontos individuais na paisagem configurativa.</p>
	<p>Tipo 2</p>	<p>Sobrados de dois ou três pavimentos, formando massa única, barreira visual e cortina de interferência na visibilidade da rua Uruguaiana. Por manter-se quase totalmente no mesmo gabarito, monta um cenário constante de planimetria. Lotes preenchidos volumetricamente pela construção. Textura de pano único, liso, com volumes produzidos por frisos, sancas e beirais. Fenestraçãoes que não produzem permeabilidade.</p>
	<p>Tipo 3</p>	<p>Elementos de caracterização vertical localizados em lotes justamente ocupados pelo edifício e por adensamento da quadra na rua 13 de Maio, em frente do Largo da Carioca. Sua configuração se faz pelo peso com que demarca a esquina, com leitura fragmentada e pontilhada de suas fachadas, todas em elementos brutos (concreto, pintura aparente) e fenestraçãoes múltiplas que se assemelham ao olhar-abelha. A apreensão pelo observador é como um grande pano.</p>
	<p>Tipo 4</p>	<p>Caracterizam-se pela verticalidade da construção, delimitando um espaço no Largo da Carioca que se assemelha a uma cortina, um bloqueio à imagem da cidade posterior a estes prédios. São elementos de leitura fragmentada, pela própria constituição dos materiais aplicados nas fachadas, mas principalmente por não serem apreendidos pelo cone de visão humana na escala do transeunte, dentro do Largo da Carioca, ao contrário dos edifícios que se encontram sobre a elevação do morro. Esta tipologia engloba o Edifício Central e o da Caixa Econômica.</p>
	<p>Tipo 5</p>	<p>Estabelece-se de forma individual na paisagem, como um elemento horizontal em um dos trechos mais verticalizados da área-projeto, representando a área de repouso e de introspecção na avenida República do Paraguai, onde os elementos de gabarito alto e as áreas livres “devoram” a paisagem. A textura do prédio é diversificada, rugosa ao olhar, tanto pelo elemento escultórico na fachada lateral e frontal quanto pelos materiais em sua composição (concreto, vidro, água).</p>
	<p>Tipo 6</p>	<p>Elementos de caracterização vertical muito acentuada, devido principalmente à sua forma de inserção no lote – livre e centralizada, isolada de divisas e apreendendo o espaço pelo vazio em seu redor. Estes edifícios se caracterizam por uma leitura contínua, marcante e de peso físico pela forma com que instituem o ponto focal nestas áreas mais dispersas. A textura é lisa, apesar de termos materiais diferentes em sua composição – vidro no BNDES e concreto no BNH – porém a unidade na utilização dos mesmos promove a caracterização não-fragmentada das fachadas.</p>
	<p>Tipo 7</p>	<p>Por sua caracterização mais individual, o Edifício da Petrobrás, apesar de participar das características da tipologia 2, denota no entorno urbano, primeiramente por sua força e seu peso virtual, como um imenso bloco acortinado na avenida República do Paraguai, e como um elemento ícone na paisagem, pela linguagem específica de cheios e vazios das fachadas – que, apesar de serem vazadas, prendem o espaço envolvente e não transparecem o espaço posterior. A inserção no lote obedece ao isolamento, mas não total, pois o volume pesado de todo o prédio engloba a área de inserção em um todo e projeta-se no entorno pela presença física e textura “rugosa” dos brises metálicos.</p>

“A sociedade só pode expressar inteligivelmente sobre arquitetura se as formas arquitetônicas forem analisáveis (através dos espaços que geram e aprisionam) e, por conseqüência, expressarem regras.”⁹ A seguir, tipos morfológicos analisados nas áreas:

5 – Os Elementos da Imagem

“O território pode ser concebido de muitas formas: desde o espaço físico reconstruído até as mil maneiras de nomeá-lo; desde o batismo oficial de seus lugares e espaços até a negação do pomposo nome originário e a sua substituição por um afim (...) o território alude, mais propriamente, a uma complicada elaboração simbólica que não se cansa de apropriar-se das coisas e tornar a nomeá-las, num característico exercício existencial-lingüístico: aquilo que eu vivo eu nomeio; sutis e fecundas estratégias de linguagem.”¹⁰

Os elementos são os pontos físicos perceptíveis que englobam, interagem e solucionam o conjunto de imagens da cidade; são influenciados pelo significado social, sua função, história e característica.

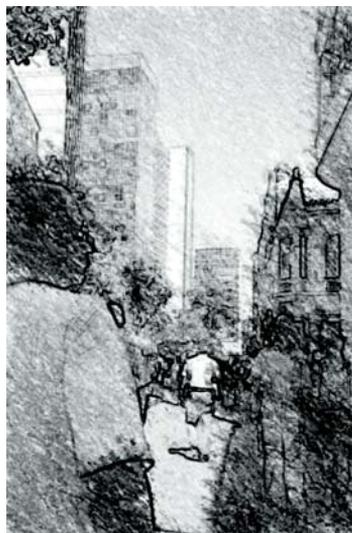
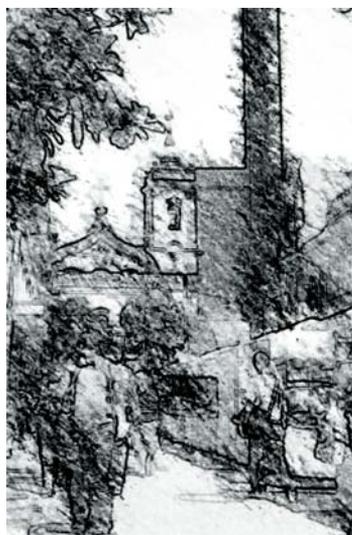
Mais do que uma única imagem, as imagens se sobrepõem ou se inter-relacionam temporalmente. A mutabilidade está na diferenciação de uma mesma imagem pela escala de área envolvida, pelo ponto de vista, estação do ano ou hora do dia. Mudanças estão sempre em processo em uma cidade e o observador tem de ajustá-las à realidade em sua volta. A continuidade que resiste a uma mudança relevante é absolutamente necessária.

No caso da rua Uruguaiana e, principalmente, no Largo da Carioca, os registros históricos de passagens e mudanças impregnadas na memória coletiva são também os vestígios pelos quais as análises de elementos marcantes e cognoscíveis são feitas.

Os elementos analisados nessa ênfase serão os dispostos por Kevin Lynch em seu livro *A imagem da cidade*¹¹. Por sua vez, são estes: *vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos*, os quais devem ser vistos em uma inter-relação, pois os pares podem trabalhar mutuamente ou realçando o poder de um sobre o outro. O observador agrupa os elementos como um todo, complexo e independente, mas identifica cada um dos elementos segundo sua acuidade e necessidade¹². Nas áreas estudadas, por motivo de ser o centro da cidade um **bairro** nominativo, bem delineado, e por ser o Largo da Carioca o próprio **ponto nodal**, estes dois elementos não entrarão em análise. O alvo, portanto, é verificar os pontos marcantes na paisagem, de acordo com as forças visuais operantes na estrutura formal do ambiente e perceptiva dos freqüentadores, isto é, a forma como sua identidade se estabelece com o lugar.

De acordo com Denise Jodelet (2002), a identidade dos lugares é feita, também, pela vivência. *“O meio-ambiente define oportunidades e limitações*

para as ações e objetivos do sujeito. É produzido pelo homem, que o materializa segundo práticas sociais e modelos culturais de época. A identidade de um lugar concerne ao passado ambiental do sujeito, um conjunto de memórias, concepções e interpretações de idéias e sentimentos ao longo de sua vida.”¹³ Por isso, também, a análise pessoal envolve uma série de predicativos do ambiente, que se salientam mais por alguma permanência no lugar ou por um sentido de maior apreensão que se dá aos símbolos. Cassirer¹⁴ emprega o termo “pregnância simbólica” para se referir à impotência que condena o pensamento a não poder intuir algo sem relacioná-lo com um dos muitos sentidos. Essa pregnância é consequência de que na consciência humana nada é simplesmente apresentado, mas representado. “Sendo assim, as coisas existem, sem dúvida, mas dependem das figuras que o pensamento lhes dá, o que as faz símbolos, pois vão ter a coerência da percepção, da conceitualização do juízo, do raciocínio, mediante o sentido que as impregna.” (DURAND, 1968, p. 70)



Figuras 15, 16, 17, 18 – Visão serial do trajeto do Largo de São Francisco até a rua Uruguaiana
Fonte: Desenho livre / Autoras

A análise focal partiu de uma observação, primeiramente, estimulada pelo movimento, pelo trajeto. A visão serial em croquis representa esse fluxo: a descoberta das mudanças da paisagem, do mais íntimo, mais aconchegante (a Igreja do Largo de São Francisco), ao mais citadino, turbulento (o vaivém da rua Uruguaiana, indo para o Largo da Carioca). Essa seqüência revela as muitas faces do centro da cidade, um local para o sagrado, mas também para o profano. Do passeio livre pelo Largo de São Francisco, ao movimento conturbado do comércio na rua Uruguaiana e a “entrada” marcada ao Largo da Carioca (por um elemento pórtico que demarca o lugar, mas não a continuidade entre as áreas, que singularmente já existe), as sensações de convívio são várias. Um lugar que comporta símbolos de todas as formas (o religioso, o curioso, o instigante, o especulativo, o nobre, o boêmio, o cultural), fornece subsídios para a avaliação precipitada.

E, dessa maneira, interpretar os marcos de um centro tão heterogêneo incentivou uma análise em duas etapas: a científica e a social (participativa dos freqüentadores). Quanto à primeira, e em acordo com os elementos *vias*, *limites* e *marcos* de Lynch, a apreciação da estrutura formal das áreas analisadas revela um caráter de linearidade na rua Uruguaiana, provocado pela força do comércio local e pela configuração da rua com o gabarito das fachadas (casario colonial – escala do pedestre) e de radialidade no largo, pela função (área de conexão, pública) e programa (comércio, contemplação, movimento). Essas diretrizes, apesar de simbólicas, marcam-se como as **vias**. As ruas delimitantes (rua da Carioca e Almirante Barroso) não conseguem adquirir todo esse peso formal, uma vez o Largo da Carioca se constituir um objeto de maior valor apropriativo.

25

Figura 19 – Rua da Carioca, valor de transição, 2002
Fonte: Autoras



Figura 20 – (Foto à direita) Rua Uruguaiana, valor de linearidade, 2002
Fonte: Autoras



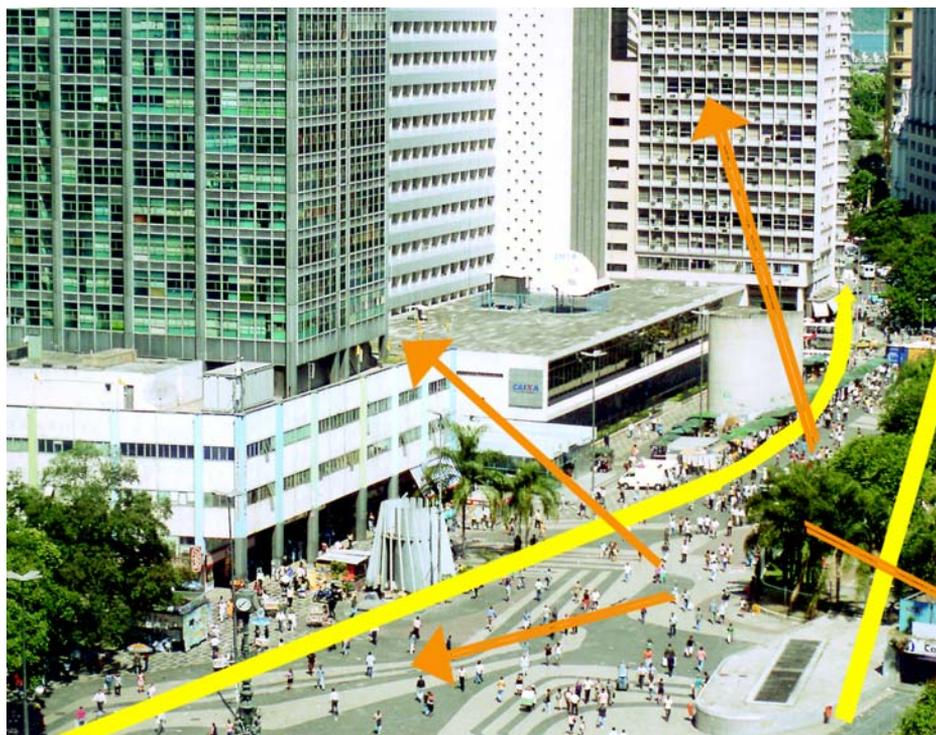


Figura 21 – Largo da Carioca, valor de radialidade, 2002
Fonte: Autoras

26

Os **limites**, bem definidos em planta (avenidas Presidente Vargas, Almirante Barroso e Rio Branco) são imperceptíveis dentro do contexto, de forma que pode ser dito que estas duas áreas (a rua Uruguaiana sempre focada pelo Largo da Carioca) revelam uma identidade e uma estrutura de muito mais peso valorativo que as estruturas formais. Nesse ponto, também se atribui o fator histórico e social destas áreas: uma (rua Uruguaiana) pelo peso “aristocrático” imposto pela sociedade da primeira metade do século 19, que a nomeou o centro do comércio; e a outra (o largo) pelo símbolo adquirido de lugar democrático, deliberativo e público. Esses fatores denotam sua força visual, sem necessitar de um elemento limítrofe definido. Os **marcos**, definidos pela pregnância dos objetos nas áreas estudadas, foram selecionados de acordo com sua projeção na linha do observador, seu peso histórico e sua característica de monumento.

O monumento é “*Obra da arquitetura ou escultura determinada a transmitir à posteridade a recordação de um grande homem ou feito...*”¹⁵.

Os **marcos** definidos, por hierarquia, foram: (1) o relógio do Largo da Carioca, (2) a Igreja de N. Senhora da Penitência, (3) a ventilação do metrô no Largo da Carioca, (4) o prédio da Petrobrás, (5) o prédio do BNDES. O primeiro elemento, pelo aspecto lúdico e simbólico; o segundo, pelo fator histórico e visual (em cima do morro); o terceiro, pela forma inusitada e escultórica; o quarto, pelo aspecto visual impactante; e o quinto, pela presença mais isolada no lote, um prédio com atributo de único na paisagem.

Figuras 22, 23,
24, 25, 26 –
Marcos
definidos pela
análise espacial
(1), (2), (3), (4)
e (5)
Fonte: Autoras



6 – A Forma Apropriativa da Imagem – A Visão do Usuário

Esta segunda etapa da análise se baseou em mapas cognitivos e questionários de aplicação direta, sugeridos aos transeuntes do Largo da Carioca, definido como sendo o local mais propício para o estudo dos elementos apropriativos, uma vez que a rua Uruguaiana se configura pelo movimento linear, descompromissado com a contemplação. E uma vez feitas as considerações iniciais deste trabalho, nos dois locais de estudo (largo e rua Uruguaiana), ficou clara a entonação do largo como área de apropriação, transformação e comunicação. Por essas três características, as observações a seguir foram todas registradas no Largo da Carioca, de modo a comprovar e comparar as análises estabelecidas previamente neste exercício (elementos pregnantes e forma espacial). A partir daí será possível também delimitar o fator de influência do espaço público demarcado pela área “seca” (calçada do largo) e pela área verde (jardins do BNDES), assim como a co-participação de um sobre o outro e do elemento de passagem (térreo) como filtro destes dois.

7 – Mapas Cognitivos

“Uma forma arquitetônica será tanto mais perceptível quanto mais ‘pregnante’ ela for, quer dizer, quanto mais homogênea sua estrutura a tornar e a fizer aparecer como uma totalidade independente.” (DARTIGUES, 1973, p. 42)

Segundo Lynch (1997), a qualidade da imagem é definida por um conjunto de relações inerentes ao espaço. As imagens de um elemento diferem de um observador para outro, segundo a relativa densidade destes elementos (casas mais densas, maior comércio e movimento na rua) e pela diferenciação entre imagens concretas e sensorialmente vivas (o Convento de Santo Antônio), genéricas e destituídas de conteúdo sensorio (“aquele treco ali, perto do Edifício Avenida Central”). De acordo com alguns autores, são estas as imagens de mais valor:

1. Aquelas que se aproximam de um campo total forte: densas, rígidas e vivas.
2. Usam todos os tipos de elementos e características da forma, sem concentrações limitadas.
3. Podem ser organizadas, quer hierarquicamente quer continuamente, segundo exigências momentâneas (necessidade de um telefonema, por exemplo).

Partindo da idéia que o ambiente urbano é um meio de comunicação, Appleyard¹⁶ desenvolve uma pesquisa que propõe descobrir os atributos que

28

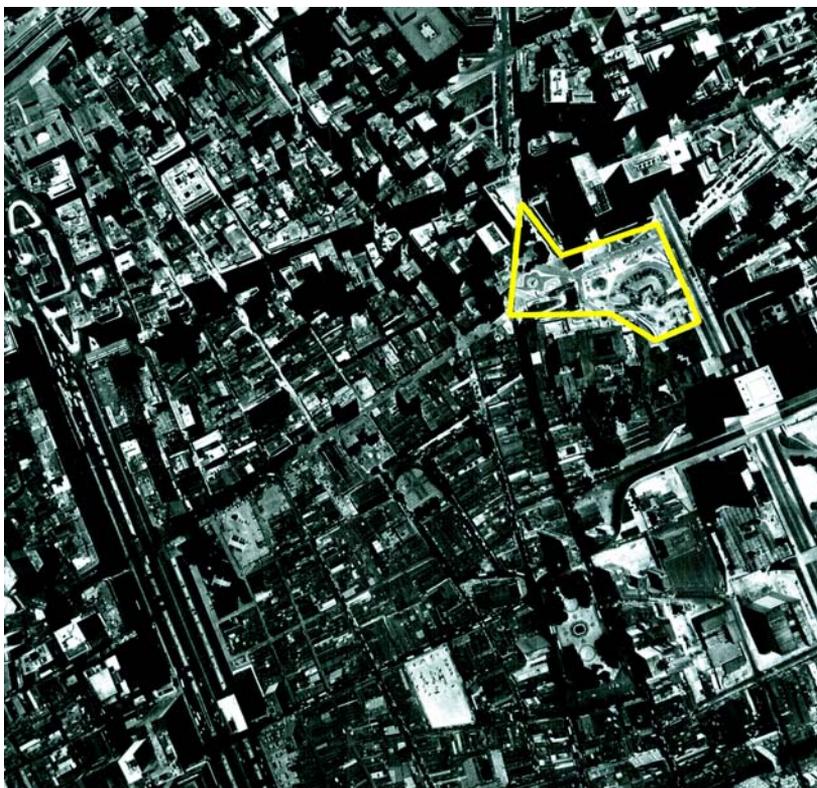


Figura 27 – Foto aerogramétrica do centro do Rio de Janeiro / Forma do Largo da Carioca, 2001
Fonte: Arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro

captam a atenção e fixam um ou mais lugares da cidade na representação mental de seus habitantes.

Nos atributos da **forma física**, o *movimento*, o *contorno*, o *tamanho*, a *forma* e a *superfície* são os que mais aparecem nas lembranças dos entrevistados. Em geral, o movimento das pessoas e o contorno dos prédios isolados se destacam mais que o atributo do tamanho do prédio. Isto pode ser verificado no peso visual que o BNDES tem sobre os que transitam no Largo da Carioca, mesmo com prédios de maior gabarito no lado oposto (Edifício Avenida Central e Caixa Econômica) e também por ser a visual de maior domínio pelo fluxo de pedestres dentro da área “seca”.

Em **visibilidade**, a importância do ponto de vista e as imediações são os que mais se relacionam, ambos em recordação de trajetos. A análise dos mapas cognitivos revelou a presença forte do Relógio do Largo como elemento pregnante, por sua posição marcante no eixo de entrada do largo. Essa detecção se deve pela importância do ponto de vista, quando os usuários são solicitados a desenhar o mapa do local. Mas nos questionários (apresentados a seguir), esta relação não existe, porque a projeção se faz sobre os valores memoriais e significativos (o convento, por exemplo, é focado).

Em **atributos do uso e da significância**, que são a intensidade do uso e simbolismo, os parâmetros são sempre muitos altos pela própria força de existência da interação humana. Este item ressalta a aparição dos artistas performáticos em quase todos os desenhos, uma relação intrínseca com a significância desta atividade (sempre presente) no Largo da Carioca e vegetação. Pela intensidade do uso vemos a representação dos camelôs.

Os parâmetros mais novos, a **publicidade e a nomenclatura**, são de suma importância para a memória coletiva, pois edifícios mais novos são geralmente destacados e bem lembrados, pela sensação de interação com o mundo. Nesta categoria, em proporção muito menor, vemos a representação de alguns elementos como o prédio da Petrobrás e letreiros mais comunicativos como os dos *fast-food* localizados na área. A questão é que a área se caracteriza (como verificado nos questionários aplicados) como um veículo de permanência histórica, e o olhar do usuário geralmente se volta para este aspecto.

Para a coleta dos mapas cognitivos, foi solicitado a cada usuário que desenhasse um mapa de localização dentro do Largo da Carioca. Esses mapas foram divididos em “simbólicos” (pela representação do todo por algum elemento), em “estruturados” (quando da representação da base formal do largo) e “não-estruturados” (quando os elementos estão soltos no desenho). A análise de alguns itens deixou claro o modo como o espaço se relaciona como seu freqüentador:

1. Os **desenhos estruturados** começavam pela forma do largo, geralmente representada por uma circunferência aberta ou um retângulo. Esse simbolis-

mo reflete a sensação de continuidade do largo, uma vez que uma forma aberta se torna menos pregnant; e o simbolismo do retângulo reflete simplesmente uma necessidade de criar uma base para o desenho. Observando a forma real do largo, verifica-se a diferença dessas representações para a real; disso concluo que a forma marcante nesta área não se dá pelo mapeamento, mas pela existência dos referenciais. E, neste ponto, as modificações por que passou o Largo da Carioca comprovam que a forma, de alguma maneira, não modificou sua essência simbólica.

2. Os desenhos mostram a vegetação dos jardins do BNDES sempre integrada ao largo. O elemento “vegetação” é sempre evocado como qualitativo do lugar e co-participante do andar do pedestre, sendo mencionado como uma das representações únicas do local. O espaço público, representado pela passagem do Largo da Carioca (a praça seca), só reflete sua verdadeira interação com o pedestre pelo elemento vegetação, que o torna “sensível” e “comunicante”. Este espaço, no entanto, é visto como um elemento isolado, participante do meio, mas dominador do ambiente, ao invés de dominado.

3. As rodas de artistas performáticos, representadas em alguns desenhos, revelam a identidade do lugar: Um Ambiente de Uso Público e Irrestrito. Pessoas de vários tipos e idades se relacionam de forma democrática, a despeito da falta de segurança e proteção do sol. Ao contrário, o elemento sol se torna o agregador dessas relações, uma vez que as atividades se desenvolvem enquanto a luz inunda o largo.

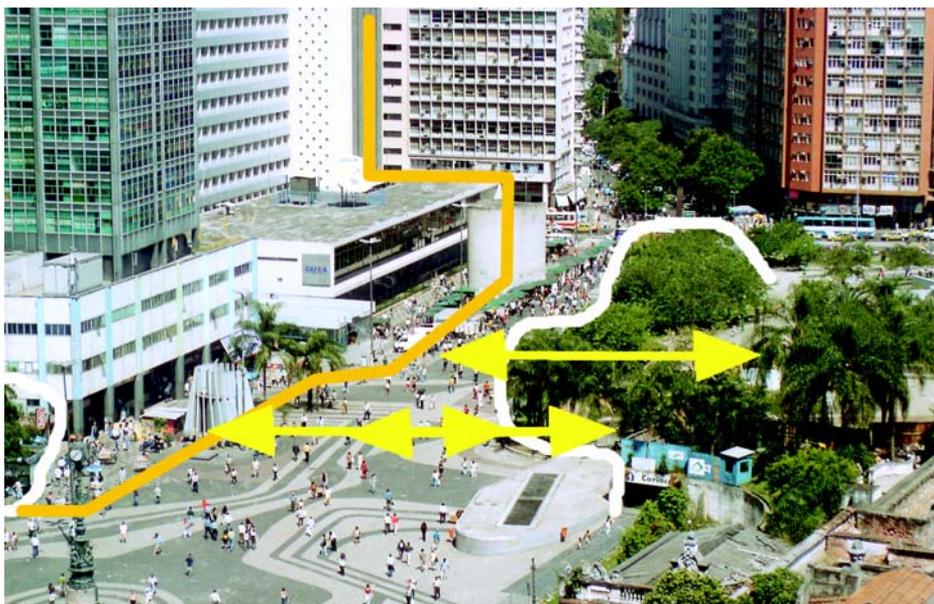
30

Os pontos acima revelam as características do imaginário social atrelado às características formais de um ambiente. Fato constatado no Largo da Carioca é a indecisão coletiva quanto à sua forma, o que reforça seu valor simbólico e memorial. A força do “público” permite ao seu usuário sentir-se parte das transformações ocorridas, das apropriações feitas. E a detecção de muitos elementos marcantes, dos mais antigos (o Convento de Santo Antônio) aos mais novos (prédio da Petrobrás) revela que, apesar da existência dos elementos marcantes, **o principal marco na área é o próprio Largo da Carioca.**

*“O papel da memória na construção do sentido urbano é feito através da **identidade**, pela identificação com o lugar ou afirmações identitárias contra a massificação dos planos de urbanização. Criam, positivamente, apropriações particulares, lugares de liberação, criatividade, individualização. São de três tipos:*

1. *Memória eventual (idéia de revolução, acontecimento social ocorrido)*
2. *Memória urbana (memória coletiva dos grupos – continuidade histórica)*
3. *Memória monumental (segundo Nietzsche, ‘antiquário de conservação estática’ – podendo ser mudado de acordo com a mudança de significado no presente).”¹⁷*

Figura 28 –
Aspectos
formais do
Largo da
Carioca, 2002
Fonte: Autoras



8 – Questionários

“O descenso de um pensamento pré-consciente ao inconsciente e a elaboração inconsciente (simbólica) nos proporcionam, aportes transportados (do estudo do inconsciente) para a elaboração do chiste, idênticos resultados.” (S. Freud, 1905, p. 1.123)

31

A aplicação dos questionários, como etapa final de análise por parte dos usuários, serviu para complementar a fase dos mapas cognitivos, uma vez que os últimos forneceram as imagens do ambiente, apreendidas por sentidos de memória, pregnância e forças visuais, mas não revelaram o caráter do juízo de valor, sentimento e apropriação.

Para Fischer (1994)¹⁸, a apropriação é um processo psicológico fundamental de ação e intervenção sobre um espaço com a finalidade de transformá-lo e personalizá-lo. É a utilização própria de um lugar, maneira como o homem o ocupa, transforma-o e nele vive.

Constitui uma forma de o homem materializar uma parte de seu universo mental no espaço físico. É um estilo de ocupação do espaço próprio de um indivíduo ou de um grupo, segundo suas necessidades e aspirações. As formas e os tipos de intervenção se caracterizam por relações de posse e apego. As formas mais conhecidas se dividem em:

1. Marcadores (sinalização do espaço com inscrições que se identificam com o “eu” do utilizador)

A. Marcadores centrais: estabelecem posse e são colocados no centro de um território (rodas de performistas no Largo da Carioca).

B. Marcadores sinais: inscrevem a *marca pessoal* em um objeto ou em um espaço (lonas azuis dos camelôs).

C. Marcadores fronteiras: indicam a linha de separação entre dois *territórios* (ambulantes no “início” do Largo da Carioca – Rua da Carioca – e no “final” – Avenida Alm. Barroso).

2. Personalização (acentua a identidade pessoal que vai se refletir por diversas modificações ou transformações do espaço por seu utilizador). Esta última característica é revelada pela ocupação contemporânea do largo como veículo de publicidade e comunicação – por meio das inúmeras empresas televisivas que assumem o largo como “centro” de entrevistas no centro da cidade – pelas feiras de livros que acontecem uma vez ao ano no largo, e dos inúmeros ambulantes que configuram a paisagem local.

As entrevistas revelaram pontos importantes de apreensão do ambiente, baseadas na vivência pessoal. Foi pedido aos entrevistados que fornecessem respostas imediatas, de forma a medir o grau de apropriação e legibilidade¹⁹ local. As idades dos entrevistados variaram de 18 a 72 anos, revelando, em uma faixa tão heterogênea de necessidades, as mais variadas reações diante do mesmo objeto. De um modo geral, os entrevistados de menor idade revelaram uma associação do Largo da Carioca aos elementos que consideram de maior importância, como o **metrô da Carioca, o trabalho, o comércio e o Convento de Santo Antônio**, muito mais por sua imagem impactante na paisagem. Não entrou em suas respostas a questão do peso histórico ou das lembranças, apesar de mencionarem saber o valor histórico da área e o fator lembrança. Os entrevistados mais idosos, ao contrário, ressaltaram a importância de suas vivências, relacionando o ambiente do largo com as transformações por que passou, pelo resquício dos elementos que ficaram guardados na resposta imagética do lugar (o “tabuleiro da baiana”, o bonde, o *Correio da Manhã*). Os elementos principais foram o **Convento de Santo Antônio e a Igreja da Ordem Terceira, aspectos como “saudade” e “tradição”**, salvo por casos de funcionários públicos na faixa dos 50 anos, que invariavelmente mencionaram seus locais de trabalho (**os prédios da Caixa e da Petrobrás**).

Em todas as entrevistas, no entanto, a relação funcional com o ambiente é de passagem, comunicação, como mencionado: trânsito no largo porque “atravesso de um lado para o outro”, ou “me leva a outros lugares”. O largo se configura como um suporte físico que possibilita a comunicação com outras áreas da cidade.

Quanto aos elementos marcantes, os detectados incluíram: (1) O Convento de Santo Antônio, (2) O metrô da Carioca e a vegetação local, (3) A ventilação do metrô, (4) O relógio da Carioca, (5) O prédio da Caixa Econômica e o da Petrobrás. O primeiro elemento pelo peso histórico e arquitetura diferenciada da restante; o segundo, pelo atributo uso e movimento e pelo conforto proporcionado pela área verde; o terceiro, pelo valor

Figura 29 –
Uso de
“publicidade”
pessoal, 2002
Fonte: Autoras



Figura 30 –
Ocupação por
floristas, 2002
Fonte: Autoras



Figura 31 –
Camelôs fixos
(lona azul),
2002
Fonte: Autoras



Figura 32 –
O movimento
constante,
elemento
caracterizador
do Largo da
Carioca durante
as manhãs e
tardes, 2002
Fonte: Autoras



escultórico (maior do que o das próprias esculturas locais); o quarto, pelo eixo de visão e pela apropriação sonora no local; e o quinto elemento, dividido entre os dois prédios mencionados por trabalhadores locais.

Os elementos mencionados como sendo “a imagem do largo”, aquilo que lhes vêm à cabeça primeiramente, foram classificados em dois tipos:

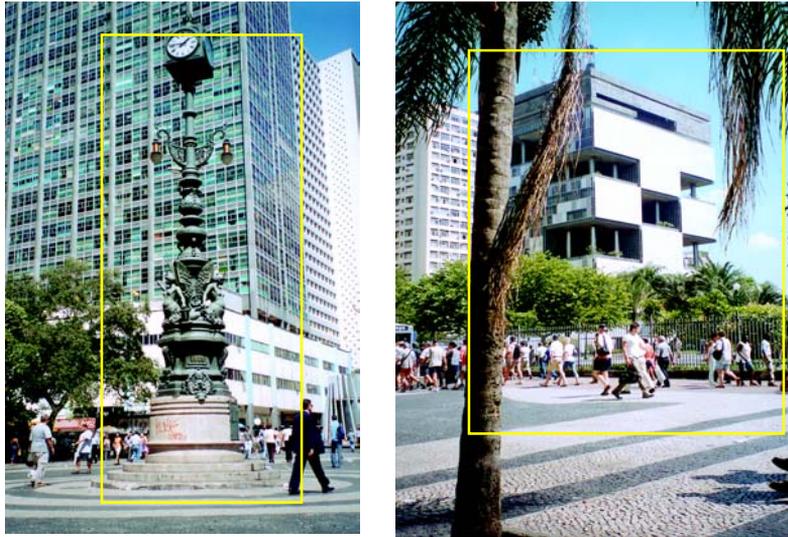
Elementos Materiais	Convento de Santo Antônio, Metrô da Carioca, Performistas, O antigo ponto de bondes “Tabuleiro da Baiana”
Elementos Imateriais	Movimento, Dinheiro, Trabalho, Comércio, Modificação, Saudade, Tradição

34



Figuras 33, 34, 35, 36, 37, 38 – Elementos marcantes no espaço, de acordo com as entrevistas diretas: (1), (2) metrô e vegetação, (3), (4) e (5), maio/2002
Fonte: Autoras





O quadro anterior revela a relevância do fator “vivência” no entendimento e apreensão do local. As necessidades por mudanças locais foram inexistentes, comprovadas por respostas como: “não falta nada nesta área”. Aqueles que ainda responderam sobre possíveis modificações mencionaram maior limpeza e segurança, fatos não-coligados ao aspecto formal ou funcional da área. Um dos entrevistados, curiosamente, mencionou “maior tratamento paisagístico”, referindo-se à praça seca do largo (a passagem) como necessitando de maior sombra. Vale ressaltar que sua apropriação local é feita de cima, dentro de sua sala de trabalho no edifício da Caixa, daí sua noção do sistema do piso, implantado por Burle Marx.

35

Figura 39 –
Relação entre os
dois espaços: o
largo (área
seca) e a
vegetação
Fonte: Autoras



Principalmente, comentando sobre uma área com tamanha atração de contingente e, conseqüentemente, gerando as mais variadas formas de apropriação por elementos valorativos, fica claro perceber que o Largo da Carioca impõe seu valor pela forma com que se insere no centro, um alargamento essencial para a comunicação das áreas opostas ao Morro de Santo Antônio e “escondidas” pela cortina de fachadas da avenida Rio Branco. A ocupação do largo é baseada, intensamente, pela relação com a qual se desenvolve diante do elemento vegetação dos jardins mantidos pelo BNDES e do convento. Esta relação estabelece uma certa “reverência” visual quando da área verde, que deve continuar a existir, e, por isso mesmo, um pacto silencioso entre espaço e usuário se dá em vista disto: a área seca e a área verde devem coabitar, mas não interpolar; é necessário manter o verde local, mas distante do vandalismo depreciativo dos homens. O espaço verde domina a área seca, ao mesmo tempo em que a acentua e promove maior sensação de conforto, contemplação e integração. Esses valores são muito claros para todo transeunte, salvo por indivíduos de menor atuação política, como os mendigos, que utilizam as sombras das árvores dos jardins, pelo simples motivo de precisarem de um local para dormir.

O mote desenvolvido pelos usuários, quanto ao caráter local, variou (do mais mencionado ao menos) com as palavras: movimento; passagem; comércio; antiguidade; história; conexão; liberdade; sentimento; lembrança; modernidade; opressão; e barulho. Percebe-se a convivência de elementos antagônicos nesta definição, como “antigüidade” e “modernidade”, “liberdade” e “opressão”, os quais, contudo, evidenciam o caráter da mutabilidade e democratização desse espaço.

36

9 – Considerações Finais

Para Halbwacs²⁰, os grupos se estabelecem espacialmente de acordo com a lembrança coletiva do quadro em que habitam, sempre configurando este espaço de acordo com a versão material da cidade na qual estão inseridos. Em suma, “... não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial”.

De acordo com todas as análises desenvolvidas nas duas áreas de estudo (rua Uruguaiana e Largo da Carioca), tendo sido o largo focado como elemento mais comunicante e apropriativo destes dois, estabelecem-se duas vertentes:

1. O papel da característica funcional de um espaço é o determinante de sua ocupação e possível apropriação.
2. Espaços dotados de elementos simbólicos (temporais e sentimentais) são apropriados por seu caráter imagético e têm maior atribuição valorativa quanto os elementos de atributos físicos como a forma, o tamanho e a aproximação.

Desta feita, o trabalho buscou ressaltar o caráter implícito das transformações formais aliadas ao senso de apropriação de cada indivíduo como usuário, revelando formas de interação que só se estabelecem do momento em que a área livre, o espaço público, associa-se e interage com seu freqüentador, na mesma proporção em que se permite modificar.

Notas

- (1) LAMAS, José R. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Ed. Calouste Gulbekian, 1998.
- (2) LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Tradução de Jefferson Luiz Carvalho. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.
- (3) JODELET, Denise. A cidade e a memória. Transcrito e traduzido por Walkirya Coppola e Cristiane Rose Duarte. In: *Projeto do lugar*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.
- (4) LYNCH, Kevin. Op cit., 1997. Estes elementos são: bairros, vias, limites, pontos nodais e marcos.
- (5) LAMAS, José R. Garcia. *Morfologia urbana e o desenho da cidade*, 1998, p. 48.
- (6) LAMAS, Ibidem. Os elementos são: solo, topografia, edifícios, lote, quarteirão, fachadas, logradouros, praças, monumentos e mobiliário.
- (7) SANTOS, Carlos Nelson F. dos. *A cidade como um jogo de cartas*. Rio de Janeiro, 1998, p. 24.
- (8) SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo, 2001, p. 13.
- (9) SANTOS, Carlos Nelson F. dos. Ibidem, 1988, p. 25.
- (10) SILVA, Armando. Ibidem, 2001, p. 21.
- (11) Estes elementos caracterizam as imagens fragmentadas que todo indivíduo tem de um lugar, as quais, em conjunto, expressam o sentido imagem. Por descrição:
Vias – canais de circulação habitual ou ocasional (ruas, alamedas, ferrovias, canais) em que os elementos ambientais se organizam e relacionam.
Limites – são elementos de cunho linear (não necessariamente desta forma). Podem ser limites de fronteira (rios, lagos, mar, paredes) ou limites de costura, ao longo dos quais duas regiões se relacionam (elevados). Denotam uma característica especial de uma região para outra, mas podem agir como vias.
Bairros – regiões médias ou grandes da cidade, reconhecidas por uma mesma linguagem ou característica, possibilitando ao observador a “passagem mental” por eles. São sempre identificáveis pelo lado “interno” (identidade do local), mas servem de referência pelo lado “externo” (a idéia do local). São estruturadores da imagem da cidade.
Pontos nodais – são lugares estratégicos de uma cidade na qual o observador nota focos de atenção, direcionamento. Podem ser uma convergência, um cruzamento, um túnel, mas não precisam da veracidade formal do “nó” para serem considerados. O conceito está ligado ao de via, mas o melhor seria chamá-los de núcleos.
Marcos – são objetos físicos definidos (sinal, montanha, monumento). Podem ser distantes ou próximos do observador, circunstanciais (como o sol, ou as estrelas para um navegador) ou restritivos como uma maçaneta de porta, uma placa ou outros detalhes urbanos. Eles são indicadores de identidade e estrutura.
- (12) MARIE, Pierre e Behague. *Syndrome de désorientation dans l’espace*, Revue Neurologique, 1919.
- (13) JODELET, Denise. Op. cit., 2002.
- (14) Apud DURAND, Gilbert. *La imaginación simbólica*, 1968, p. 72.
- (15) LAMAS, Op. cit., 1998, p. 102.
- (16) APPELYARD, Donald. *Environment and Behavior*. Sage Publications, 1969.
- (17) JODELET, Op. cit., 2002.
- (18) FISCHER, G. N. *Psicologia social do ambiente*. Instituto Piaget – Sociedade Industrial Gráfica, 1994.
- (19) É a qualidade visual em que os elementos configuradores da paisagem (vias, sinais de delimitação, freguesias) são facilmente identificáveis e agrupáveis em uma imagem mental. LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*, 1997.
- (20) HALBWACCS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, s.d.

Bibliografia

APPLEYARD, Donald. Why buildings are known: A predictive tool for architects and planners. In: *Environment and Behavior*. Londres: Sage Publications, v. 1, 1969.

CARRER, Aline. *Rio de Assis: Imagens machadianas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

CERTEAU, Michel. *L'invention du quotidien*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1980.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo: Utopias e realidades*. São Paulo: Perspectiva, 1979. Coleção Estudos.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DARTIGUES, André. O que é a fenomenologia. In: *Uma prática científica*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1973.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. *Percepção ambiental: A experiência brasileira*. São Carlos: Editora da UFSC-São Carlos, 1996.

DURAND, Gilbert. *La imaginación simbólica*. Buenos Aires: Amorrortu, 1964/1968.

FERREZ, Gilberto. O que ensinam os antigos mapas e estampas do Rio de Janeiro. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 268, 1965.

FISCHER, G. N. *Psicologia social do ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget – Sociedade Industrial Gráfica Ltda, 1994.

38

GONÇALVES, Luciana. Os espetáculos de rua do Largo da Carioca como ritos de passagem. *Arte e cultura popular. Revista do IPHAN*, Rio de Janeiro, n. 28, 1999.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de arquitetura*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1996.

JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: DUARTE, Cristiane et al. *Projeto do lugar*. Transcrito e traduzido por Walkírya Coppola e Cristiane Rose Duarte. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2002.

KOHLSDORF, Maria Elaine. Breve histórico do espaço urbano como campo disciplinar. In: FARRET, Ricardo L. (Org.). *O espaço da cidade: Contribuição à análise urbana*. São Paulo: Projeto, 1985.

LAMAS, José M. R. G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Caluste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica, 1993.

LEME, Maria Cristina da Silva Leme. Urbanismo no Brasil: 1895-1965. In: *Urbanização da área resultante do desmonte do Morro de Santo Antônio e Aterro do Flamengo*. São Paulo: Studio Nobel, FAUUSP, FUPAM, 1999.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Tradução de Jefferson Luiz Carvalho. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

MACEDO, Sívio Soares; ROBBA, Fábio. *Praças brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 122, 2002.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. *A cidade como um jogo de cartas*. Rio de Janeiro: EDUFF – Universidade Federal Fluminense. São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998.

SILVA, Armando. *Imaginários Urbanos*. Bogotá: Col. Convenio Andres Bello. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Y GOYA, Cláudio Roberto; Y GOYA, Paula da C. Landim (Coords.). *Caderno Paisagem Paisagens 1 - Uma visão interdisciplinar sobre o estudo da paisagem*. Bauru: Ed. UNESP, 1996.

ESTAMPAS DO RIO: A CIDADE NAS DÉCADAS DE 1940 A 1960. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

BAIRROS DO RIO – NEIGHBORHOODS. In: *Largo da Carioca*. Rio de Janeiro: Editora Fraiha, 1998.